

2 DERRUBANDO MUROS E IMPLODINDO TORRES

“E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína.” (Mt 7.27)

A cultura ocidental tem passado por muitas transformações nos últimos séculos. Grandes invenções e descobertas dos séculos 15, 16 e seguintes levaram o ser humano a pensar que a razão humana era suficiente e que não precisava de Deus. Revoltados contra a religião medieval, os pensadores iluministas derrubaram os dogmas da fé e apregoaram que somente poderia ser aceito como verdade aquilo que pudesse ser comprovado cientificamente. O universo se fechou ao sobrenatural e a ciência se desenvolveu ajudada pela hegemonia da razão humana, procurando produzir o bem comum por meio da pesquisa, da tecnologia e do crescimento econômico.³² Logo, a fé se tornou incompatível com a razão e, os que advogavam algum tipo de crença no sobrenatural foram tachados de iletrados e retrógrados.

Na euforia do progresso do fim do século 19, com todas as maravilhas modernas que estavam sendo descobertas, parecia que o cientificismo estava com a razão. Porém, a fé na razão humana sofreu um duro golpe, ou melhor, dois, quando as duas guerras mundiais, ao fazerem um amplo uso de armas que foram possibilitadas pelo progresso científico e tecnológico, mostraram ao mundo, de modo ainda mais contundente, do que o ser humano é capaz. Santos Dumont foi um inventor humanista que acabou

³² Salinas e Escobar, *Pós-modernidade*, p. 18.

em profunda depressão ao ver o seu invento sendo usado para jogar bombas sobre seus semelhantes. De fato, “todos os pilares do projeto moderno mostraram ser somente colunas ocas, com uma pintura dourada”.³³ Como já demonstramos, essa desilusão com a cultura positivista do modernismo gerou a filosofia do “pós-moderno”. Os seres humanos começaram a olhar com desconfiança para o progresso da ciência, e já não acreditavam que a razão humana pudesse trazer a tão sonhada era de paz e prosperidade.

Juntamente com a revolução tecnológica, o fim do século 20 viu a invasão do misticismo oriental e seu liberalismo moral ocupar o vácuo deixado pelo otimismo científico, e o estabelecimento do relativismo místico como a filosofia mais popular. “Tudo é relativo” é uma frase que virou moda entre universitários, varredores de ruas e até mesmo cientistas. “Não existem absolutos” virou tema de músicas, livros, filmes e de conversas entre crianças.

INTOLERÂNCIA RELATIVISTA

Vivemos num mundo que é, ao mesmo tempo, antiquado, moderno e pós-moderno, e é muito difícil estabelecer marcos divisórios precisos a esse respeito. Para alguns autores, a Era Moderna durou exatamente duzentos anos: da queda da Bastilha na Revolução Francesa em 1789 à queda do Muro de Berlim em 1989.³⁴ Talvez essas datas estejam corretas, mas é preciso lembrar que os movimentos *hippies* dos anos 60 já introduziram a semente do pós-modernismo. E mesmo depois da queda do muro de Berlim, não é possível dizer que o “moderno” desapareceu totalmente.

Como já dissemos, a filosofia científica-racionalista dominante na era moderna foi muito hostil ao Cristianismo. Durante esse período, entretanto, as pessoas acreditavam em absolutos e na existência da verdade objetiva. O cristianismo bíblico era rejeitado pelos pensadores modernistas, porque não conseguiam (ou ainda não queriam) encaixá-lo dentro dos padrões científicos e filosóficos da época. Entretanto, no pensamento “pós-moderno” algo diferente acontece. O Cristianismo continua sendo descartado, mas não porque não possa ser comprovado cientificamente, e sim porque pretende ser “a verdade”, o que é inaceitável para pessoas que mal crêem que exista a verdade num sentido absoluto.³⁵ O cientificismo moderno rejeitava a Bíblia por achar que ela estava cheia de imprecisões científicas; o relativismo pós-

³³ Salinas e Escobar, *Pós-modernidade*, p. 24.

³⁴ Ver Michael Horton, *O cristão e a cultura*, p. 161.

³⁵ Ver Gene Veith, *Tempos pós-modernos*, p. 13.

moderno rejeita tanto a ciência quanto a Bíblia por causa de suas pretensões de se considerarem “a verdade objetiva”. A sociedade de hoje não está disposta a tolerar isso, pois a única verdade absoluta aceita é que ninguém pode dizer que tem “a verdade absoluta”.

A tolerância, considerada por muitos o grande bem do mundo pós-moderno, no fundo é só de aparência, como uma fachada ilusória para atrair compradores. O pós-modernismo relativista é tão radical quanto os movimentos fundamentalistas-extremistas, e não hesitaria em jogar bombas sobre aqueles que pensam de modo diferente, mesmo que não sejam bombas à base de explosivos convencionais. Como disse Veith, “hoje um acadêmico que duvida da evolução, que rejeita o relativismo moral, que não declara a religiosidade do humanismo, com frequência enfrenta oposição violenta e furiosa”.³⁶ O mundo pós-moderno aceita todas as crenças e cosmovisões, menos aquelas que discordam dele.

DO MURO DE BERLIM AO WTC

Em 8 de novembro de 1989 o mundo assistiu, com um misto de surpresa e alegria, a um dos maiores acontecimentos do século 20: a queda do muro de Berlim. Considerado o maior símbolo da Guerra Fria, o muro de Berlim, que foi construído em 13 de agosto de 1961, dividiu a Alemanha em dois países, um capitalista e o outro comunista, e o mundo ao redor de duas ideologias conflitantes. A derrubada desse muro injusto não significou apenas a reunificação de um povo, mas a destruição de toda uma cosmovisão. Foi o golpe final ao comunismo e aos ideais do marxismo. A deusa razão foi tirada do trono em que a revolução francesa a havia colocado em Notre-Dame.³⁷ A filosofia marxista do materialismo dialético explicava os problemas do mundo por meio das lutas de classes, em que o homem explora o homem. A solução racional do marxismo era o comunismo, que anularia a propriedade privada, e traria a paz, a união e a prosperidade aos povos num clímax da razão e da ciência. Não deu certo. Quando o povo de ambos os lados da Alemanha arrancou aquelas pedras, elas não simbolizaram apenas a queda do absolutismo comunista; de certo modo, elas significaram a queda dos absolutos em todos os sentidos, pois significaram a queda da crença em valores e da própria esperança na razão.

³⁶ Gene Veith, *De todo o teu entendimento*, p. 67.

³⁷ Isaltino G. C. Filho, “A pós-modernidade: um desafio à pregação do evangelho”. Disponível em: http://www.luz.eti.br/es_aposmodernidadeumdesafio.html#r00.

O muro caiu, mas a sua queda simboliza o grito de liberdade do ser humano construído sobre premissas falsas, repetido tantas vezes na História, desde que o primeiro homem fez isso. O comunismo marxista foi uma das piores coisas que este mundo já presenciou, pois desse movimento praticamente nenhum resultado benéfico restou para a humanidade; esse grito de liberdade não tornou a vida humana mais digna, mais justa e nem mesmo melhor, pois a casa vazia sempre volta a ser ocupada por demônios (Mt 12.43-45). Assim, a ausência de ideais na Europa deixou o caminho aberto para o relativismo e para o seu irmão caçula e mais terrível, o niilismo.³⁸ A vitória do capitalismo não significou a melhora do mundo. Basta ver a situação atual dos países do antigo bloco comunista, e que dentro da própria Alemanha permanece um muro invisível de discriminação e pobreza.

Após o fim da guerra fria, depois de décadas em que os dois gigantes mundiais se enfrentavam numa guerra de nervos, um novo tipo de guerra veio para ficar: o terrorismo. A data de 11 de setembro de 2001 ficou gravada na História. O mundo não é o mesmo desde que as torres do World Trade Center foram atingidas pelos aviões dominados por terroristas suicidas. Antes o império americano media forças com o império soviético, agora sofre afrontas e humilhações de pequenos grupos que explodem bombas e que não têm nada a perder. O grande inimigo do império chegou a ser apenas um homem, mas ele pode estar em qualquer lugar do planeta. Nestes dias, temos visto que pode ser mais fácil esmagar uma nação do que capturar um único homem. As coisas realmente ficaram muito relativas.

Caso a visão modernista do mundo não tenha caído com o muro de Berlim, então caiu com as torres do World Trade Center. Quem destruiu o WTC? Foram os terroristas islâmicos? De certo modo não. Foi o próprio Ocidente. Não só porque todos os equipamentos usados nos choques que geraram a implosão das torres eram ocidentais. Nem porque Osama Bin Laden foi “criado” pelo Ocidente. Mas por causa do orgulho e auto-suficiência do estilo de vida que o ser humano escolheu para si.

Toda torre que pretende chegar até o céu acaba esfacelada na terra (Gn 11). O projeto condena a si mesmo. Toda a imponência e beleza da inteligência e da riqueza humana refletiam das fachadas envidraçadas das torres. Literalmente elas caíram, e no coração de Manhattan ficou um imenso vazio, como um reflexo do vazio da existência pós-moderna. O medo, a insegurança e a intolerância religiosa e racial brotam firmes dos escombros do WTC. A superpotência foi ferida. Quando será que ela cairá? Todos os grandes impérios anteriores em algum momento caíram.

³⁸ Da palavra latina “nihil” que significa “nada”.

COLAPSO MORAL

O “pós-modernismo” não é uma corrente filosófica que começou com determinado autor ou filósofo. Ele se refere muito mais ao tempo em que vivemos do que a uma ideologia definida. É um sistema complexo de pensamento criado pelo próprio Ocidente que não pode ser definido em poucas linhas, mas que, de um modo ou de outro, torna relativo tudo o que a humanidade, especialmente o Ocidente cristão, sempre considerou como verdade ou bem. Não é exatamente uma negação da verdade, mas um esvaziamento dela. É uma atitude de desconstrução,³⁹ uma “implosão” da verdade. O pós-modernismo seria mais bem denominado de “antimodernismo”, pois é uma maneira de ver o mundo que, sob o manto da proclamação da tolerância e do respeito entre os povos, destrói a própria estrutura sobre a qual a civilização moderna foi construída.

A questão-chave é que se a verdade não existe, ou se pelo menos não existe uma verdade absoluta, então nada é totalmente certo nem errado. Não existindo verdade, também não existe bem ou mal, justiça ou pecado, e nem o oposto da verdade, ou seja, a mentira. Caso essas expressões pareçam teológicas ou filosóficas demais, não nos enganemos, pois a intenção é mudar os padrões morais, e estes não são teóricos, mas sobretudo práticos. Não significa que somente agora o mundo se tornou imoral, pois, de certo modo, a imoralidade é a mesma de sempre, mas agora não há critérios morais aceitos, e assim, não há como dizer que algo está certo ou errado. Antigamente as pessoas se envergonhavam de seus pecados; hoje elas se orgulham deles e os ostentam como algo digno de louvor. Quanto mais os ícones da televisão se demonstram livres de “tabus” morais e propagam idéias não-cristãs, mais eles são reverenciados pelas massas fascinadas pela mídia. Quando os governos veiculam propagandas que induzem a permissividade sexual sob a bandeira de incentivar o uso de preservativos, o clima de “vale-tudo” se torna dominante. Como impedir a avalanche de gravidez na adolescência, de abortos, ou a destruição de famílias pelo adultério se essa muralha também caiu? A tão desejada permissividade sexual não trouxe qualquer benefício para a humanidade, apenas mais degradação, violência e culpa. E não há o que possa ser feito para deter essas coisas, pois a muralha da verdade caiu. Ao mundo só resta contemplar a avalanche da imoralidade, da corrupção e da violência.

³⁹ Salinas e Escobar, *Pós-modernidade*, p. 27.

COLAPSO DE SIGNIFICADO

Não estamos apenas em meio a um colapso moral, enfrentamos também um colapso de significado. Diante desta cultura impregnada de relativismo, o sentido da vida desaparece e o desespero só aumenta. Antigamente as pessoas pensavam que tinham uma “missão” a realizar neste mundo; as crianças sonhavam em exercer as profissões mais nobres quando fossem adultas; hoje, boa parte das pessoas só pensa em ganhar dinheiro, e a maioria nem sabe por que existe. As causas humanitárias, a religião e a própria existência humana perdem o sentido quando os absolutos são vaporizados. Não é de admirar que cada vez mais as drogas sejam o caminho que as pessoas escolhem para se alienar. Num mundo assim, o sistema de vida primitivo, no qual impera a lei do mais forte, é o único que pode proliferar. Por isso, o progresso da humanidade tem levado o ser humano cada vez mais para a selvageria. A modernidade tem comprovado que, quanto mais progresso, mais primitivismo moral e existencial.

Mas aqueles que controlam o sistema sabem bem como manter o povo primitivamente “satisfeito”; afinal, não tem faltado diversão para as pessoas, como carnaval, futebol, bebidas, sexo e “bolsas-família” numa versão moderna do velho e eficaz pão e circo romano. O problema é que se trata de diversão de baixa qualidade. Até isso se esvaziou. No passado, para um músico fazer sucesso, no mínimo precisava ter boa voz ou tocar bem algum instrumento. Hoje, da noite para o dia, a mídia lança ídolos fabricados. Essas pobres almas sem talento algum precisam agüentar o peso artificial do sucesso seguido do inevitável ocaso. Os sentidos se esvaziaram, então, “A próxima atração, por favor”.

COLAPSO FAMILIAR

As famílias também recebem a pressão desse sistema e caminham cada vez mais para a desintegração. Os princípios antigos, na maioria bíblicos, mantiveram a família tradicional, já os novos princípios relativistas acabam por implodir a família, pois destroem a autoridade paterna, extrapolam as responsabilidades maternas e criam filhos rebeldes e sem consciência social ou familiar e, muitas vezes, sem consciência alguma. Quando meninas de classe média abandonam suas casas para viver com traficantes nos morros em busca de aventura e algum sentido para a vida, fica evidente que os limites não existem mais e que o sistema familiar moderno faliu. Hoje, poucos iniciam uma família pensando realmente em permanecer casados até que

“a morte os separe”. Na maioria dos casos nem há casamento legalizado, e mesmo quando há, o divórcio é sempre uma possibilidade fácil e bem real. “Foi eterno enquanto durou”, dizem, em mais um reducionismo absurdo da cultura existencial.

Em muitos países, o casamento entre pessoas do mesmo sexo já é uma realidade e, nesses casos, inclusive filhos podem ser adotados e até gerados por técnicas modernas de fertilização. O funeral da família bíblica tradicional parece estar muito próximo.

COLAPSO ECLESIAÍSTICO

Uma igreja que deseja fazer diferença dentro de uma sociedade como esta precisa entender a época em que vive, caso contrário a sua pregação pode ser completamente alienada da realidade das pessoas. Mas talvez o grande problema com a igreja hoje é que ela não só parece não entender o tempo presente, como, paradoxalmente, está impregnada da filosofia deste tempo. Como afirmou R. Albert Mohler Jr., “tudo isso já seria suficientemente trágico se tais tendências configurassem a consciência do mundo, mas não da igreja”.⁴⁰ Porém, essas tendências invadiram a igreja, pois a verdade tem sido rejeitada dentro da própria igreja. Em muitas denominações, o conceito de ser ortodoxo ou herege não existe mais. A doutrina é continuamente posta de lado para que todos possam se encaixar. Não há como negar que a ausência de precisão doutrinária e de pregação verdadeiramente bíblica caracteriza a época evangélica atual. O que se ouve na maioria dos púlpitos não é a exposição da Palavra de Deus, mas “mensagens de motivação, suavizantes terapias para o eu e fórmulas para a saúde, a prosperidade, a integração pessoal, a harmonia celeste, etc.”⁴¹ Isso nos faz ver que a igreja também está se tornando bastante relativa.

Talvez a maior expressão desse relativismo sejam as chamadas “igrejas emergentes”. São igrejas que nasceram ou foram reestruturadas para um contexto pós-moderno e pós-cristão. São igrejas absolutamente adaptadas aos tempos pós-modernos. Não possuem doutrina definida e são essencialmente inclusivistas.⁴² Seus idealizadores acreditam que essa é a única maneira de “alcançar” as pessoas pós-modernas. Pensam que o sistema tra-

⁴⁰ R. Mohler, *Reforma hoje*, p. 59.

⁴¹ R. Mohler, *Reforma hoje*, p. 66.

⁴² Ver Mauro Meister, “A igreja emergente”, *Revista Servos Ordenados*, Ano 3, Edição 11, out.-dez/06, pp. 16-18.

dicional de igreja, típico do período moderno, não conseguirá sobreviver nos tempos pós-modernos e pós-protestante. A igreja emergente, como muitas outras não tão emergentes, abandonou os fundamentos bíblico-históricos do Cristianismo, para se adaptar aos tempos e às épocas, e o fazer isso, perdeu a sua verdadeira mensagem.

COLAPSO TEOLÓGICO

A igreja está assim porque a teologia entrou em colapso. Já demonstramos que o movimento da teologia liberal dos séculos 18 e 19 procurou comunicar a mensagem do evangelho para o homem pós-iluminista, e fez isso questionando os textos bíblicos e substituindo o conceito de infalibilidade das Escrituras pelo da “infalibilidade” do método científico, seguindo os tempos e épocas de sua própria geração. Em reação a isso, também dissemos que teólogos neo-ortodoxos do século 20, como Barth e Brunner, perceberam a crise a que o liberalismo conduziu a teologia e rejeitaram essa visão substituindo-a por uma teologia existencial, e mais uma vez se adaptaram ao que era dominante no seu próprio tempo.

É interessante que Brunner, ainda na década de 1920, tenha percebido que o relativismo brotava do modernismo, pois declarou: “O homem moderno não crê mais num absoluto, em qualquer forma que ele possa ser oferecido, quer aquele da fé cristã, do idealismo, ou do misticismo. Se ele crê em alguma coisa é em absoluta incerteza”.⁴³ Mas a teologia neo-ortodoxa, com seu igual abandono da autoridade da Escritura e com sua ênfase exagerada no transcendente, em nada contribuiu para reverter esse processo, antes só o acelerou, pois a velha luta entre os opostos ortodoxos e liberais cedeu lugar ao florescimento do “tanto faz” da nova teologia.

De púlpitos outrora firmes e fiéis à Palavra, se ouvem censuras e ironias contra a “ultrapassada teologia medieval”, e uma defesa de uma “nova teologia” que liberte o homem dos dogmas antigos e o faça se sentir mais humano, mais senhor de seu destino, e mais próximo de Deus, enquanto está cada vez mais longe da Bíblia. Um exemplo disso é a chamada “teologia relacional” (também conhecida como *open theism* – teísmo aberto). Essa teologia tem defendido que Deus não conhece o futuro. Sua onisciência diz respeito apenas ao passado e ao presente, mas o futuro está aberto. Deus se adapta às circunstâncias humanas, mudando seus planos em reação às decisões dos homens. Essas novas e “libertadoras” teologias têm se concentrado

⁴³ Emil Brunner, *Teologia da crise*, p. 31.

em esvaziar formulações teológicas, e se lançado numa cruzada contra o “fundamentalismo” daqueles que querem se manter fiéis ao Texto Sagrado. Esse tipo de teologia “kamikase” tolera qualquer coisa, menos alguém que insista em manter os fundamentos.

NADA DE NOVO DEBAIXO DO CÉU

Apesar de toda a sensação de novidade que permeia os tempos atuais, o relativismo não é realmente algo tão novo assim. Relativistas sempre existiram, pois o homem sempre aceitou como verdade apenas aquilo que lhe interessou em determinados momentos. Escolher o que é verdade para si e duvidar da verdade sustentada por outros é algo tão antigo quanto o próprio ser humano, e podemos dizer que ainda mais, pois é tão antigo quanto o próprio Satanás.

Desde o início, segundo a Bíblia, o homem foi tentado pelo relativismo da serpente. O antigo texto do Gênesis descreve a tentação do ser humano como sendo uma relativização da vontade de Deus. A serpente disse à mulher: “É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?” (Gn 3.1). Sutilmente a serpente torceu a ordem de Deus com a intenção de provocar confusão na mulher. Ao perceber que obtivera sucesso, pois na resposta a mulher exagerou a respeito da ordem de Deus, a serpente, então, mostrou todo o seu relativismo: “É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal” (Gn 3.4,5). A serpente fez a mulher “descobrir” o motivo oculto daquela proibição de Deus. Em outras palavras, a serpente disse: “Não é bem assim; essa conversa de morrer esconde algo que vocês não sabem; na verdade, comer deste fruto fará muito bem a vocês, um bem que Deus não deseja lhes conceder”. A serpente disse que o mal, na verdade, não era tão mau assim; antes, podia ser muito bom. É interessante que a serpente relativizou apenas o que lhe interessava. Ela desejava relativizar a verdade de Deus; porém, a *sua verdade* não era relativa. Assim são todos os relativistas. Eles relativizam a verdade dos outros, ao mesmo tempo em que sustentam contraditoriamente que a sua própria visão do mundo *é a verdade*. Esse tipo de atitude tão antiga só comprova que Salomão estava absolutamente certo, pois “o que foi é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; nada há, pois, novo debaixo do sol” (Ec 1.9).